

J. Pingo, o filósofo do "tudismo"

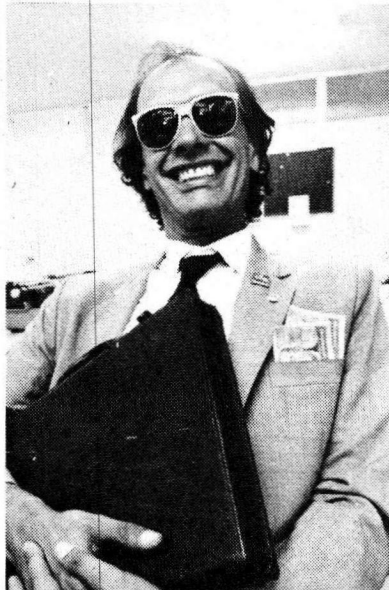
Roque de Sá

«O Congresso Nacional é um grande palco e a Constituinte é o espetáculo que se prepara para estreiar em 1987, ficando um longo período em cartaz. Achei que, como ator, tinha que participar desse espetáculo, dando-lhe algum colorido».

Essa é a visão apoteótica de J. Pingo, candidato à Câmara pelo PCN que, do seu trailer-comitê, parado em frente ao Conjunto Nacional e movido ao som de rock apocalíptico de Raul Seixas, dirige-se ao povo como o filósofo tudista, adepto da grande utopia, que prega a «libertação da sociedade, para o homem se feliz».

Ator, diretor e poeta, vivente do eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, Pingo diz que veio para Brasília, há sete anos, para ficar mais próximo do poder: «Quería conhecer intimamente o processo que determina a vida das pessoas, que dispõe sobre a liberdade, a saúde e a moradia da população. Quería modificar, ou pelo menos denunciar as razões dessa engrenagem».

Da vivência com a política, como funcionário da Câmara dos Deputados, aprendeu a renegar qualquer ideologia: «Os adeptos de uma ideologia dogmatizam-na, sectarizam-se em sua teoria pretendendo impingí-la à sociedade, achando que é a solução para todos os problemas. Eu não tenho ideologia, mas tenho uma filosofia: o tudismo, a grande utopia da era de aquários».



Pingo: discriminalizar a maconha

Para a Constituinte, defende o rompimento com o FMI, o cancelamento da dívida externa, a extinção do Fundo de Garantia, a criação do Fundo do Trabalhador e a discriminalização do aborto e da maconha. Com o slogan de campanha «Chega de Basta», Pingo

acredita que o homem tem de ser livre para fazer o que quiser, inclusive usar droga. A única coisa para que diz não é para o que chama de «publicidade da morte», ou seja, condena a propaganda de qualquer tipo de vício como o cigarro, os remédios, a maconha e bebidas alcoólicas.

«E a reforma agrária?» Perguntou a repórter. E Pingo respondeu: «Agricultura sem fronteiras, a cultura vem da terra. Vou te dizer uma poesia: Essa civilização dá seus passos Sem olhar a história, Usa e abusa das forças Que apagarão seus traços Sem deixar memória; Seus processos automáticos E inconscientes, Seus cidadãos apáticos E indiferentes, Seus Governos despóticos E dominadores E a desmedida ambição sem Inteligência, É a decadência, Mais vale um Pingo De esperança Do que um mar de lama. Sonhava com a auto-gestão Individual, Quando você me chamou e disse: — Abaixo a linguagem viciada, Instituída, política, Raquítica e sifilítica. Mais vale um Pingo de esperança Do que um mar de lama».